



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

A IMAGEM DA INFÂNCIA NA OBRA MIGUILIM, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Luzia Otterbasch de Souza(PGLETRAS/UEMS)¹

Susylene Dias de Araújo(PGLETRAS/UEMS)²

RESUMO: O artigo caracteriza a criança a partir do personagem central da novela Campo Geral, de João Guimarães Rosa: Miguilim. Na obra a identidade infantil é construída a partir de passagens do livro que estão associadas às particularidades do personagem. Desde a mais tenra idade, o indivíduo tem necessidade de pertencer a determinado grupo e sofre com a dificuldade de aceitação pela sociedade, inclusive pela própria família. A dificuldade da participação espontânea das crianças nas práticas sociais evidencia a exclusão e marginalização sofrida por esse grupo há tempos e ainda na contemporaneidade. A necessidade de um novo olhar para a criança é justificada pelo sofrimento, apresentado pelo personagem, ao ser incompreendido e ignorado. A construção identitária da criança nesta obra do escritor Guimarães Rosa quer chamar a atenção para este grupo, que precisa ser aceito e acreditado como seres de personalidade e identidade próprias.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Criança; Exclusão; João Guimarães Rosa.

ABSTRACT: The article characterizes the child from the central character of the novel Campo Geral, de João Guimarães Rosa: Miguilim. In the work the identity child is constructed in passages from the book that are associated to the particular character. From an early age, the child needs to belong to a particular group, and suffers from the difficulty of acceptance by society, including his own family. The difficulty of spontaneous participation of children in social practices highlights the exclusion and marginalization experienced by this group for some time and even nowadays. The need for a fresh look at the creation is justified by the suffering, presented by the character, to be misunderstood and ignored. The construction of the identity of the child in this work the writer Guimarães Rosa wants to draw attention to this group, which must be accepted and believed as beings of their own personality and identity.

KEYWORDS: Identity; Child; Exclusion; João Guimarães Rosa.

¹ Aluna do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

² Docente do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

Introdução

Com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças.

(Manoel de Barros, 2010, p.469)

Ao lermos a novela *Campo Geral*, do livro *Manuelzão e Miguilim*, do escritor mineiro João Guimarães Rosa, chama-nos a atenção as impressões de mundo e os valores de determinado personagem, garoto humilde chamado Miguilim. A forma como o narrador nos aproxima da personagem fazendo-nos conviver com as emoções e brincadeiras da infância, a maneira nova e ao mesmo tempo antiga de fazer-nos entender as razões de cada sentimento, de cada crença ou ilusão da criança nos inquieta a refletir sobre a própria infância e como ela foi construída nesta obra.

Em meio a tantas obras literárias de altíssimo nível com personagens-criança que poderíamos selecionar escolhemos *Campo Geral* (1956) pelo alto grau de cumplicidade com o infante-personagem no decorrer da narrativa. Ao passo que a leitura nos leva além, ainda que literariamente, começamos a enxergar do mesmo modo como a personagem enxerga. E o texto em análise nos desvenda os limites entre a infância alegre ou triste e a outra instância, que é a vida adulta.

Iniciamos a análise da construção da infância na obra *Campo Geral* refletindo como a criança é vista pela sociedade, que valores lhe são atribuídos ou ainda o que acreditam que as crianças são. Em seguida partimos para reflexões sobre aspectos indiscutíveis e peculiares da infância em geral, comparando com a personagem central da obra de Guimarães Rosa, no intuito de evidenciar como a personagem é complexa, simbólica e representativa na luta pela busca da identidade dentro de um grupo.

Neste sentido o desenvolvimento deste trabalho pretendeu captar a essência da criança na personagem Miguilim, dando ênfase à angustiante necessidade de pertencimento que acompanha o ser humano independente da idade.



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

1. Como a criança é vista pela sociedade

Para a criança, só é possível viver sua infância. Conhecê-la compete ao adulto.

(Henri Wallon, 2007, p.09)

Enquanto vários setores da sociedade ainda veem a criança como ser idealizado e universal, a literatura amplamente tem se ocupado da infância por outro prisma, revelando o infante em toda sua complexidade e completude. Uma obra que colabora para a desmistificação da criança que foi “produzida pela indústria e vendida pelo comércio” é *Campo Geral*, novela de abertura do livro *Manuelzão e Miguilim*, do escritor João Guimarães Rosa.

A obra apresenta a narrativa desse menino chamado Miguilim, a personagem criança que abre a mente e o coração enquanto montamos seu quebra-cabeça identitário, formado de peças bem singulares, que se encaixam formando a criança inteira.

Grande parcela da sociedade está convencida de que o infante é um serzinho sem personalidade que aceita tudo o que lhe é imposto e está sempre a ser formado, como se os adultos fossem estáticos e não estivessem constantemente em transformação. Assim imprimem à criança características como vontades ou sentimentos indefinidos. E ainda para o adulto, segundo Henri Wallon “Comparando-se à criança, ele a vê relativa ou totalmente inapta em presença das ações ou das tarefas que ele consegue executar.” (2007, p.10)

Fica evidente o pensamento adulto de que a criança, para alguns, ainda não é um ser por completo, como se elas dependessem do adulto para agirem como crianças. A criança da modernidade, assim como a criança de outros períodos é tratada como um ser que não sabe o que quer e que será formada no porvir. Desconsiderando que todo ser está em construção, independente da fase da vida e que precisa de seu espaço na sociedade para crescer, amadurecer e formar sua personalidade.

Há ainda os que consideram a criança uma simples redução do adulto e esquecem que elas têm suas próprias expectativas, sua forma particular de olhar e enxergar o mundo que as rodeia. A sensibilidade e aparente fragilidade das crianças impulsionam os adultos, muitas



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

vezes, a limitar a compreensão das vontades e necessidades desta faixa etária. A incompletude vista na criança pelo adulto, segundo Henri Wallon, não é uma atitude consciente, mas uma dificuldade atribuída à natureza humana, pois

Se o homem sempre começou colocando-se a si mesmo em seus objetos de conhecimento, atribuindo a estes uma existência e uma atividade conformes à imagem que tem das suas, o quanto essa tentação não deve ser forte quando se trata de um ser que vem dele e deve tornar-se semelhante a ele – a criança, cujo crescimento ele vigia, guia e a quem muitas vezes lhe parece difícil não atribuir motivos ou sentimentos complementares aos seus. (WALLON, 2007, p.09)

Quanto mais atribuímos à criança valores comunitários mais lhe subtraímos a liberdade e autonomia. No período em que o infante não segue rigorosamente as normas impostas pela sociedade à qual está inserida “Efetivamente, ele se confunde com toda a sua atividade enquanto esta permanecer espontânea e não receber seus objetos das disciplinas educativas.” (WALLON, 2007, p. 54)

A construção da personalidade passa pelos bancos escolares, um dos principais ambientes de formação e transformação do indivíduo, haja vista o tempo que cada criança permanece em uma instituição de ensino. Dentre os objetivos da escola destaca-se a transformação da criança em seres uniformes, em que todos devem comporta-se da mesma forma, seguir as regras e ter atitudes parecidas, como cita Alberto Munari no livro sobre o Educador Jean Piaget:

Uma vez que a criança tenha sentido, graças a seu altruísmo espontâneo e à disciplina adquirida, a unidade e a coerência das sociedades que são a escola e a família, lições apropriadas a conduzirão a descobrir a existência de grupos maiores aos quais deverá se adaptar: a cidade e a nação e, enfim, a própria humanidade. (MUNARI apud PIAGET, 2010, p. 51)

Até que se chegue ao ideal de criança há uma tarefa árdua, pela imaturidade dos infantes perante essa quantidade de regras e limites que lhes são impostos de repente, numa fase em que eles têm muita energia, criatividade e necessidade de expressar suas emoções.



É justamente antes de passar pela educação escolar ou social que a criança se expressa com mais precisão, manifestando suas vontades, por ainda não ter tido suas escolhas redimensionadas para o bem comum. A criança então vai sendo ensinada a conter seus desejos, agindo com menos liberdade e mais cuidado, principalmente diante dos adultos.

Nessa fase a criança já tem uma forte identidade, diferente dos adultos, não tão estável e rígida, com contornos nitidamente definidos, mas como figura complexa, em metamorfose constante, ser reflexivo e questionador das contradições da vida, dos antagonismos que fundamentam nossas escolhas e nossos atos.

2. Particularidades da criança presentes na personagem Miguilim

Mesmo sem saber exatamente por que, a criança faz suas próprias escolhas, contrariando a expectativa dos adultos, como Miguilim que manifesta suas próprias conclusões sobre o lugar onde morava:

No fundo de seu coração, ele não podia, porém, concordar, por mais que gostasse dela: e achava que o moço que tinha falado aquilo era que estava com a razão. Não porque ele mesmo Miguilim visse beleza no Mutum – nem ele sabia o que era um lugar bonito e um lugar feio. Mas só pela maneira como o moço tinha falado: de longe, de leve, sem interesse nenhum; e pelo contrário de sua mãe – agravada de calundu e espalhando suspiros, lastimosa. No começo de tudo, tinha um erro – Miguilim conhecia, pouco entendendo. (ROSA, 2001, p. 14-15)

Miguilim, que vive no Mutum, lugar alongado nos Gerais, não fazia distinção do que era um lugar feio, de um lugar bonito, mas mesmo assim chegou às suas próprias conclusões sobre o lugar onde morava a partir do depoimento de duas pessoas. Depois de analisar a opinião da mãe, pessoa próxima e aparentemente influente nas decisões de uma criança, e comparar com a opinião de um estranho, Miguilim, com grande sensibilidade, conclui que o homem estranho é que tinha razão, pela maneira como ele tinha falado. O grande amor que Miguilim nutre pela mãe não é suficiente para que ele concorde com os pensamentos dela.

Apesar de muitos pensarem que a criança é totalmente manipulada e a tratarem como um ser universalmente idealizado, a literatura revela diferentes olhares, mais atentos e



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

profundos, que podem ajudar-nos a compreender melhor a infância, essa fase tão delicada quanto complexa. Uma dessas amostras está na novela *Campo Geral*, da obra *Manuelzão e Miguilim* (1956), do escritor João Guimarães Rosa, em que as personagens crianças são caracterizadas com suas particularidades. Dentro do viés da singularidade que é conferida ao ser humano, trataremos da personagem Miguilim.

Miguilim: menino ingênuo, medroso, pobre e morador do Mutum, passa por várias situações complicadas e difíceis, as quais normalmente são evitadas na narrativa infantil, mas que claramente provocam o leitor a repensar a infância do modo como tentam convencionalmente promovê-la: como um período absolutamente tranquilo, bonito e feliz.

Na obra protagonizada por um menino de oito anos, a análise é realizada sob o prisma central da construção da identidade da personagem-criança, ressaltando suas principais características: seus medos, suas alegrias, suas tristezas, suas escolhas e frustrações e fatos marcantes que contribuem para seu amadurecimento, tido inicialmente como precoce ou avaliado com estranheza, considerando o ideal de infância que insistimos em determos. *Campo Geral* capta o espírito do indivíduo, através do processo de estranhamento. Estranhamento esse que é sentido no rompimento dos paradigmas convencionais.

Um menino não idealizado, com suas preferências e suas fraquezas, desejos e uma forma curiosa de entender a realidade, que busca ser compreendido como ser pertencente ao meio e ao mesmo tempo diferente, posto que único como cada um dos seres humanos, com suas particularidades. O desejo em fazer parte, atuar e reconhecer-se em um grupo está vinculada à busca pela identidade.

Identidades são formadas por comunidades, que podem ser por membros que vivem juntos em uma ligação absoluta ou pelo sentimento de pertencimento, por sentir-se aceito, ter voz e vez num determinado grupo. O primeiro fator identitário da criança na obra é a linguagem de Miguilim, que revela aspectos coletivos da linguagem infantil, como no trecho do diálogo com o irmão: “– Dito, você combina comigo para o gato se chamar Reibél? (ROSA, 2001, p.30)

Miguilim cria uma estratégia de comunicação com o irmão. Essa comunicação entre eles representa aspectos particulares da linguagem infantil, como um código que os identifica como grupo. Roy Wagner explica essa experiência das crianças:



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

As pessoas literalmente se inventam a partir de suas orientações convencionais, e a maneira como essa tendência é contraposta e enfrentada constitui a chave para a sua automanipulação social e histórica, para a sua invenção da sociedade. [...] esse corpo de “concordâncias” a que chamamos “linguagem” – é sempre parte do aspecto coletivo da cultura. (WAGNER, 2010, p. 168)

Há na personagem o desejo de viver no grupo das crianças, de estar bem com elas, principalmente com aquela com quem mais se identifica: seu irmão Dito. Desejo expresso na seguinte conversa: “-Miguilim você tem medo de morrer? – Demais... Dito, eu tenho um medo, mas só se fosse sozinho. Queria a gente todos morresse juntos...” (ROSA, 2001, p. 30), nesta outra passagem fica ainda mais visível o quanto Miguilim quer estar com o irmão ao declarar que: “Era capaz de brincar com o Dito a vida inteira.” (ROSA, 2001, p. 53). E Miguilim mais de uma vez perguntou para o irmão se eles poderiam ser amigos para sempre, como uma forma de confirmar a vivência coletiva, de não ser sozinho e não estar sozinho. Dessa forma ele manifesta-se com naturalidade no meio em que lhe é comum, com aqueles com quem se sente seguro para revelar seus segredos.

Dessa convivência Miguilim recorda com carinho as brincadeiras com os irmãos, ainda enquanto criança fica claro que as brincadeiras são momentos de interesse coletivo, na qual a imaginação colabora para o bem estar dos pequenos, ou seja, a criança brinca e interage com os seus pares porque é bom e prazeroso, por uma questão de escolha e não porque é submetido a isso, é uma questão de opção: “... ali a gente brincava de esconder.” (ROSA, 2001, p. 17).

A atividade própria da criança é o brincar. Para Henri Wallon “Primeiro, é distração e descanso e, portanto, se opõe à atividade séria que é o trabalho. Mas esse contraste não pode existir na criança que ainda não trabalha e que tem por única atividade o brincar. (2007, p.55)

Ao escrever sobre a criança e o brincar, Walter Benjamin define a escolha da criança pela brincadeira como processo de pertencimento ao grupo específico delas, na construção de uma realidade particular, enquanto que para o adulto a brincadeira é uma fuga da triste realidade. Benjamin as diferencia assim:

Não há dúvida que brincar significa sempre libertação. Rodeadas por um mundo de gigantes, as crianças criam para si, brincando, o pequeno mundo próprio; mas o adulto, que se vê acossado por uma



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

realidade ameaçadora, sem perspectivas de solução, liberta-se dos horrores do real mediante a sua reprodução miniaturizada. (BENJAMIN, 2002, p. 85)

Evidências da coerência do personagem com sua faixa etária transparecem nos medos, nas fraquezas, nas incertezas do personagem, exemplo dessa fragilidade está na passagem em que Miguilim mostra-se inseguro e indefeso perante as contradições da vida: “Ele, Miguilim, mesmo quando sabia, espiava na dúvida, achava que podia ser errado.” (ROSA, 2001, p. 86).

Miguilim torna-se incapaz de alguma atitude, não tem condições de reagir nas ocasiões em que o pai briga com a mãe e a ofende, tem medo da mãe apanhar, e sente-se completamente indefeso ao refletir que “... o pai não devia de dizer que um dia punha ele Miguilim de castigo pior, amarrado em árvore, na beirada do mato. Fizessem isso, ele morria da estrangulação do medo? Do mato de cima do morro, vinha onça.” (ROSA, 2001, p. 24)

Como exemplo da carência de Miguilim, temos o trecho em que ele fica feliz porque “Quando Pai caçava, então era porque Pai gostava dele.” (ROSA, 2001, p.86), apresentando que a criança tem a dependência sentimental dos genitores. Miguilim aproveita as poucas oportunidades de demonstração de atenção por parte do pai para ressaltar que no fundo era amado por ele, ou seja, esse carinho é importante para Miguilim.

Em geral a fraqueza do personagem Miguilim consiste no fato de ser criança, por não sentir-se inserido no grupo dos adultos, do qual “Miguilim mesmo começava medo, trás do que ouvia, que nem pragas... Miguilim tremia receando os desatinos das pessoas grandes.” (ROSA, 2001, p. 28), e no qual não tem voz ativa, pois criança não tem oportunidade de expor suas ideias ou seus sentimentos.

A necessidade de buscar a identidade da criança na sociedade moderna dá-se pela evidência de que os indivíduos pertencentes a esse grupo fazem parte dos que foram marginalizados pela globalização, considerados desimportantes para o processo de construção da realidade, do presente e do futuro. Dependendo do ângulo que se observa parece até desnecessário definir a identidade da criança, já que parece tão claro que toda criança é um ser em desenvolvimento, que não sabe bem o que quer e que depende do adulto sob todos os aspectos. Porém, como cita Benedetto Vecchi na introdução do livro *Identidade*:

A política de identidade, portanto, fala a linguagem dos que foram marginalizados pela globalização. Mas muitos dos envolvidos nos



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

estudos pós-coloniais enfatizam que o recurso à identidade deveria ser considerado um processo contínuo de redefinir-se e de inventar e reinventar a sua própria história. (VECCHI apud BAUMAN, 2005, p. 13)

Além dos medos das pessoas grandes e das fatalidades da vida, Miguilim guardava os medos criados pela imaginação, pelo poder da criação, na qual percebemos a presença do imaginário infantil, não encontrada no mundo adulto “equilibrado”, por conta das convenções sociais: “Cuidava de outros medos. Das almas. Do lobishomem revirando a noite, correndo sete-portelos, as sete-partidas. Do Lobo-Afonso, pior de tudo. Mal, um ente, Seo Dos-Matos Chimbamba...” (ROSA, 2001, p. 80).

A imaginação fértil e constante de Miguilim é um dos pontos fortes da construção da identidade infantil, um dos pontos mais elementares da diferença entre uma criança e um adulto. A criação de brinquedos e a invenção de histórias são particularmente atitudes que permeiam o universo da criança, promovem a liberdade própria dessa fase, encontrada na alegria de Miguilim que “...contava, sem carecer de esforço, estórias compridas, que ninguém nunca tinha sabido, não esbarrava de contar, estava tão alegre nervoso, aquilo para ele era o entendimento maior.” (ROSA, 2001, p.104).

A personagem central da Obra *Campo Geral* afere valores a objetos e seres que não têm valor comercial, aquilo que passa invisível ao olhar adulto: “Olha quanto mija-fogo se desajuntando no ar, bruxolim deles parece festa! Inçame. Miguilim se deslumbrava.” (ROSA, 2001, p.78), entre as coisas que Miguilim mais valoriza estão os passarinhos e seus brinquedos, “ os tentos de olho-de-boi e maria-preta, a pedra de cristal preto, uma carretilha de cisterna, um besouro verde com chifres, outro grande, dourado, uma folha de mica tigrada, a garrafinha vazia, o couro de cobra-pinima, a caixinha de madeira de cedro, a tesourinha quebrada, os carretéis, a caixa de papelão, os barbantes...”(ROSA, 2001, p. 130) objetos que mostram a diferença de valores da vida adulta e que provam que Miguilim é rico de imaginação e tem apego a bens de valores muito pessoais.

A predileção de Miguilim por restos e objetos desprezados para fazer de brinquedo é próprio da criança, que de certa forma se identifica com as sobras, com o que os adultos não dão importância. Ela mesma faz parte desses detritos, como destaca Benjamin:



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

Trata-se do preconceito de que as crianças são seres tão distantes e incomensuráveis que é preciso ser especialmente inventivo na produção do entretenimento delas. É ocioso ficar meditando febrilmente na produção de objetos – material ilustrado, brinquedos ou livros – que seriam apropriados às crianças. Desde o Iluminismo é esta uma das mais rançosas especulações do pedagogo. Em sua unilateralidade, ele não vê que a Terra está repleta dos mais puros e infalsificáveis objetos da atenção infantil. E objetos dos mais específicos. É que crianças são especialmente inclinadas a buscarem todo local de trabalho onde a atuação sobre as coisas se processa de maneira visível. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelos detritos que se originam da construção, do trabalho no jardim ou na marcenaria, da atividade do alfaiate ou onde quer que seja. Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e somente para elas. Neles, estão menos empenhadas em reproduzir as obras dos adultos do que em estabelecer uma relação nova e incoerente entre esses restos e materiais residuais. Com isso as crianças formam o seu próprio mundo de coisas, um pequeno mundo inserido no grande. (BENJAMIN, 2002, p. 57-58)

Outro aspecto que contribui para a promoção do infante na obra é o das alegrias de Miguilim, que são resultado de sua maneira de enxergar a realidade e também da influência do irmão Dito, que dizia sempre para Miguilim viver alegre, incentivando-o a ter sempre pensamento positivo. Parece que o irmão de Miguilim tem medo que ele deixe a espontaneidade dos pequenos e amadureça cedo, considerando que se Miguilim não fosse alegre não conseguiria superar as surpresas da vida, tentando dizer que sem a alegria a criança de Miguilim não sobreviveria.

Os momentos de alegria são festejados: “Miguilim por um seu instante se alegrou em si, um passarinho cantasse, dlim e dlom.” (ROSA, 2001, p. 84). Situações aparentemente comuns tornam-se especiais para Miguilim: “No outro dia, foi uma alegria: a Rosa tinha ensinado o papagaio Papaco-o-Paco a gritar, todas às vezes: - “Miguilim, Miguilim, me dá um beijim!” (ROSA, 2001, p.95). Um trecho especialmente importante é o encerramento da narrativa, momento em que Miguilim lembrou que seu irmão Dito dizia: “Sempre alegre, Miguilim...Sempre alegre, Miguilim...” (ROSA, 2001, p.152)

Outro sentimento que tem participação especial no enredo da personagem de *Campo Geral* e na vida das crianças é o luto. E como nos identificamos com a literatura através do



sentimento, seguindo por esse caminho, sobre o qual se manifesta Samy Molcho, em *A Linguagem Corporal da Criança* (2007), ao colocar-se sobre o luto da criança dizendo que:

A criança deveria encontrar uma expressão própria para sua mágoa. O consolo não deve limitá-la, pois muitas vezes ela também quer chorar seu luto ou sua decepção. É exatamente a vivência das emoções que tem efeito tranquilizador. A distração é a melhor reação. (MOLCHO, 2007, p. 173)

Uma das expressões de sentimento mais comum entre as crianças é o choro, livre e em alto e bom som. Sem qualquer receio “Miguilim chorou de bruços, cumpriu tristeza, soluçou muitas vezes...” (ROSA, 2001, p. 21). A distração citada por Molcho envolve facilmente o personagem Miguilim. Há na obra evidências de que a distração o ajuda muito a aliviar a tensão da perda, no momento, mas não o faz esquecer definitivamente o assunto, como nesse caso da cachorra: “Miguilim era tão pequeno, com poucas semanas se consolava.” (ROSA, 2001, p. 21) Isso era o que pensavam os adultos, mas o texto esclarece que Miguilim não se esquece da cachorra, nem do irmão que morrerá de quem sempre se lembrava. Para Henri Wallon:

As emoções consistem essencialmente em sistemas de atitudes que, para cada uma, correspondem a certo tipo de situação. Atitudes e situação correspondente se implicam mutuamente, constituindo uma maneira global de reagir que é de tipo arcaico e frequente da criança. (2007, p.121)

Miguilim faz uso do choro também ao saber que sua mãe estava sofrendo pela rudeza do pai “Miguilim brotou em choros. Chorava alto.” (ROSA, 2001, p.22) nesse caso a distração vinha facilmente quando “via as formiguinhas entrando e saindo trançando, os caramujinhos rodeando as folhas, no sol e na sombra...” (ROSA, 2001, p. 24). No texto o choro é muitas vezes citado, e citado de forma proporcional à espontaneidade do personagem, sem economias “... as lágrimas esparramaram na cara...” (ROSA, 2001, p. 83).

Continuando a busca pela sensibilidade da criança, nota-se que um dos sentimentos ricamente vivenciados por Miguilim é a saudade do irmão Dito: “e mesmo assim, com ele diante perto, Miguilim estava sentindo saudade dele” (ROSA, 2001, p.54) Em outra passagem



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

ele diz: “– Dito, eu às vezes tenho uma saudade de uma coisa que eu não sei o que é, nem de onde, me afrontando.” (ROSA, 2001, p. 61). Parece que Miguilim pressentia que o irmão morreria, ao contrário do que poderia se pensar, por ele ser apenas uma criança, sofre um luto por um longo tempo e não se esquece do irmão:

Miguilim pegou na mãozinha morta dele. Soluçava de engasgar, sentia as lágrimas quentes, maiores do que os olhos. [...] Mas chorava com mais terrível sentimento era quando se lembrava daquelas palavras da Mãe, abraçada com o corpo do Dito [...] Mãitina era pessoa para qualquer hora falar no Dito e por ele começar a chorar, junto com Miguilim. (ROSA, 2001, p. 109-114).

Há ainda na obra trechos que Miguilim é espontâneo, como apenas as crianças são, e confirma não gostar de todos. Há passagens, por exemplo, que Miguilim diz que não gosta de Vovó Izidra, e já faz é muito tempo. Ele considerava a Vovó Izidra chata, porque ela brigava com todos, inclusive com a mãe dele. Quanto mais Miguilim crescia menos ele entendia as atitudes dos adultos, tinha nojo deles por “matar tatu com judiação, e aprontado castigo, essas coisas todas, e mandado embora a Cuca Pingo-de-Ouro, para lugar onde ela não ia reconhecer ninguém e já estava quase ceguinha.” (ROSA, 2001, p. 59).

Ao assumir suas preferências entre as pessoas, os animais e os objetos que fazem parte do convívio dele, Miguilim se diferencia dos adultos ao explicitar mais uma vez seus sentimentos entre os mais queridos “... para o sentir de Miguilim, mais primeiro havia a Pingo-de-Ouro, uma cachorra bondosa e pertencida de ninguém, mas que gostava mais era dele mesmo.” (ROSA, 2001, p. 20) dentre os irmãos Dito era o mais querido, mas Miguilim amplia seu carinho ao sentir “... pena daquelas roupinhas pobres, as calças do Dito, vestidinho de Drelina...” (ROSA, 2001, p. 30).

Nas ocasiões de mais carência ou dificuldade “Miguilim gostava pudesse abraçar e beijar a Mãezinha, muito, demais muito, àquela hora mesma... Agora, ele ia gostar sempre de Mãe, tenção de ser menino comportado, obediente, conforme o de Deus, essas orações todas.” (ROSA, 2001, p. 35) Miguilim expõe também gostar muito do tio Terêz e de uma forma muito interessante diz que a irmã Drelina era bonita de bondade.

As ações e reações do personagem Miguilim justificam a criança que ele representa: um ser em transformação, não pronto, nem maduro, porém um indivíduo repleto de



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

particularidades, que se reflete e se enxerga em um grupo em especial, o grupo das crianças. Já é possível identificar a criança que habita Miguilim, mas essa identidade não chega a se completar, ou seja, não é finalizada.

3. A busca pela identidade

Parafrazeando Bauman no livro *Identidade*, as identidades sociais, culturais e sexuais, tornaram-se incertas e transitórias pela sociedade, e qualquer tentativa de solidificar o que se tornou líquido por meio de uma política de identidade seria trabalho perdido, seria como tentar juntar as gotas de água derretidas de uma geleira para tentar refazê-la. Completando esse raciocínio Bauman diz ainda que:

O anseio por identidade vem do desejo de segurança. Ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente, “men-um-nem-outro”, torna-se ao longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. (BAUMAN, 2005, p. 35)

Não seria normal conseguirmos consolidar uma identidade, mas a ideia é encontrar nas características que constroem a identificação do personagem, raízes da infância, e isso é possível ao concluirmos que as crianças têm comportamentos e sentimentos semelhantes entre si e diferentes de outros grupos na sociedade, como afirma Bauman:

Afinal de contas, perguntar “quem é você” só faz sentido se você acredita que possa ser outra coisa além de você mesmo; só se você tem uma escolha, e só se o que você escolhe depende de você; ou seja, só se você tem de fazer alguma coisa para que a escolha seja “real” e se sustente. (BAUMAN, 2005, p. 25)

Ao perceber-se como criança e sentir-se diminuído por isso, Miguilim entra num processo de amadurecimento que acontece gradualmente a partir dos acontecimentos significantes que permeiam sua história, o que produz mudanças significativas de



comportamento. No início “Miguilim não tinha vontade de crescer, de ser pessoa grande, a conversa das pessoas grandes era sempre as mesmas coisas secas, com aquela necessidade de ser brutas, coisas assustadas.”(ROSA, 2001, p. 39) algum tempo depois ele repara que “Ser menino, a gente não valia para querer mandar coisa nenhuma.” (ROSA, 2001, p.47).

Quando Miguilim percebe que o motivo dele não mandar é ser criança, ele demonstra querer fazer parte de outro grupo, o dos adultos, para o qual ele teria que apresentar outro comportamento. Na luta para conquistar seu espaço Miguilim inicia um período de transição entre a criança que é e o adulto que quer ser.

Ao acreditar que podia ajudar nos serviço, trava uma batalha contra o medo, ganha coragem, e fala com o pai: “– Pai, quando o senhor achar que eu posso, eu venho também, ajudar o senhor capinar roça...” (ROSA, 2001, p. 69) Essa fase de crescimento e amadurecimento de Miguilim é claramente reproduzida no trecho: “Ele bebia um golinho de velhice.” (ROSA, 2001, p.77).

De certa parte da narrativa em diante, Miguilim não chora mais na presença de todos, quer mostrar-se forte, começa a esconder os sentimentos e vai perdendo a alegria: “... no costume que começava a ter de ter, de sofrer, Miguilim sempre ficava em todo o caso triste-contente” [...] “Todos os dias depois que vieram, eram tempo de doer. Miguilim tinha sido arrancado de uma porção de coisas e estava no mesmo lugar.” (ROSA, 2001, p. 110-111).

Nesse momento de mudanças Miguilim passa por novas sensações: “Ele não era ele mesmo. Diante dele, as pessoas, as coisas, perdiam o peso de ser.” (ROSA, 2001, p.111-112) Ao contrário da criança que não queria crescer, agora Miguilim “queria parecer o homenzinho sério”. (ROSA, 2001, p. 123) Mas o derradeiro momento de rompimento com a infância acontece quando Miguilim “ajuntou os brinquedos que tinha, todas as coisas guardadas... e jogou tudo fora no terreiro.” (ROSA, 2001, p.130) no instante em que a criança joga seus objetos preciosos, ele sente uma profunda tristeza. Todo crescimento é permeado de perdas, rompimentos e lembranças.

Segundo Benjamin, para as crianças “os seus brinquedos não dão testemunho de uma vida autônoma e segregada, mas são um mudo diálogo de sinais entre a criança e o povo.” (BENJAMIN, 2002, p.94) As palavras de Benjamin denotam a força da expressão da atitude de Miguilim ao quebrar o elo com o brinquedo. Para Miguilim brincar não o ajudava a ser entendido e respeitado, ninguém prestou atenção em tudo que estava sendo falado através de



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

seus brinquedos e brincadeiras. Até que ele percebe que aquele mundo construído pela imaginação o deixava distante e menor perante os adultos e decide abandoná-lo.

No desfecho, a chegada do Dr. José Lourenço traz uma revelação surpreendente. É esse novo personagem que percebe que Miguilim tinha problemas de visão. Ao emprestar ao garoto seus óculos, permite à criança uma novidade. Seu velho mundinho acaba ganhando uma vista completamente nova, mais nítida.

Considerações finais

Ao colocar os óculos “Miguilim olhou. Nem não podia acreditar! Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas. Via os grãozinhos de areia, a pele da terra, as pedrinhas menores, as formiguinhas passeando no chão de uma distância... O Mutum era bonito! Agora ele sabia.” (ROSA, 2001, p. 142), nessa parte da narrativa Miguilim transpassa a fronteira da infância e sai de casa para a descoberta do mundo.

Esse instante é singular para Miguilim, representa a despedida da infância. Situação de novidade, tão sublime, que segundo Wallon

A pessoa parece então ir além dela mesma. Para as diversas relações sociais que acabara de aceitar e nas quais parece ter se apagado, procura uma significação, uma justificação. Confronta entre si valores e compare-se com eles. Com esse novo progresso, termina a preparação para a vida que a infância foi. (WALLON, 2007, p.190)

Nesse rito de passagem, Miguilim, como representante da identidade da criança nos ajuda a entender que: “Em várias narrativas é sobretudo o olhar infantil, intuitivo, que consegue perceber a eterna recriação do fluir da vida, a novidade de cada instante, a força do futuro.” (CHAPPINI ; BRESCIANI, 2002, p. 234).

No instante que Miguilim percebe-se criança e assume toda a sua identidade, nos ajuda a entender o que é ser criança e como se sente uma criança que não é compreendida em sua configuração coletiva. Responde-nos porque temos que nos considerar isso ou aquilo, e esclarece que temos a necessidade de nos assumirmos dentro de um grupo e que isso é parte do processo de representação em que vivemos. Temos o desejo de ser, de fazer parte e seguimos um instinto mais forte que as convenções e regras sociais.



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

A criança é a prova de que nossa identidade é consequência de nossas escolhas, do grau de pertencimento, de aceitação e identificação com o mundo e da forma como somos vistos, mas principalmente do quanto conseguimos enxergar, atentos aos detalhes, assim como ocorreu com Miguilim.

Referências

- BARROS, Manoel de. Poesia completa. São Paulo: Leya, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt, Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman. [tradução Carlos Alberto Medeiros]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BENJAMIN, Walter. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. [tradução Marcus Vinicius Mazzari]. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.
- CHAPPINI, L. e BRESCIANI, M. S. (org). Literatura e cultura no Brasil: identidades e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2002.
- MOLCHO, Samy. A linguagem corporal da criança: entenda o que ela quer dizer com os gestos, as atitudes e os sinais/ fotografias Nomi Baumgartl. [tradução Claudia Abeling]. São Paulo: Editora Gente, 2007.
- MUNARI, Alberto. Jean Piaget,/ Alberto Munari; [tradução e organização: Daniele Saheb]. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2010.
- ROSA, João Guimarães. Manuelzão e Miguilim: (Corpo de baile).11. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- WAGNER, Roy. A invenção da cultura. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. [tradução Claudia Berliner]. São Paulo: Martins Fontes, 2007.